

“...O próprio intelecto nos fará enxergar nossa humanidade no “outro”; e o “outro” dentro de nós mesmos.”

T1: Antropologia no quadro das ciências

“Fazer antropologia é realizar essa transformação do familiar em exótico e do exótico em familiar.”

Marigot Negri,

com contribuições dos grupos e do professor

O texto original, de autoria de Roberto DaMatta, apresenta ideias sobre o estudo das ciências sociais e naturais. Trata-se principalmente do capítulo “Antropologia no quadro das ciências” do livro *Relativizando*, que veicula uma interpretação das principais diferenças entre as ciências naturais e sociais. Desta maneira, segundo o autor, as ciências poderiam ser identificadas assim:

- **Ciências Naturais:** estudam fatos simples, eventos que presumivelmente têm causas simples e são facilmente isoláveis. Tais fenômenos seriam, por isso mesmo, recorrentes e sincrônicos. A matéria-prima da “ciência natural”, portanto, é todo o conjunto de fatos que se repetem e têm uma constância verdadeiramente sistêmica, já que podem ser vistos, isolados e, assim, reproduzidos dentro de condições de controle razoáveis, num laboratório.
- **Ciências Sociais:** Estudam fenômenos complexos, situados em planos de causalidade e determinação complicados. Nos eventos que constituem a matéria-prima do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do cientista político, do economista e do psicólogo, não é fácil isolar causas e motivações exclusivas.

Os eventos que servem de foco ao “cientista social não estão frequentemente mais ocorrendo entre nós, não podendo ser reproduzidos em condições controladas. Não podemos reconstruir um evento histórico, mesmo que juntemos todos os componentes não conseguiríamos reconstruir a atmosfera de local. Diferentemente de um experimento laboratorial no qual conseguimos controlar, por exemplo, temperatura e pressão para analisarmos somente uma variável, nas ciências humanas a atmosfera social não pode ser reconstruída. Diferentemente de um rato reagindo a um anticorpo num laboratório, um aniversário, por exemplo, cria o seu próprio plano social, sendo um evento único, diferenciado de todas as festas desta natureza, embora guarde semelhanças estruturais.

Os eventos “sociais” são a rigor históricos, cujas análises são apresentadas com apoio de descrição e narração, nunca na forma de uma experiência. Podemos, obviamente, reconstruir tais realidades (ou pedaços de realidade), mas jamais clamar que nossa reconstrução é a “verdadeira”, que foi capaz de incluir todos os fatos para compreendermos perfeitamente bem todo o processo em questão. Os fatos que formam a matéria-prima das “ciências sociais” são, pois, fenômenos complexos, impossíveis de serem reproduzidos.

Enquanto nas ciências naturais, o objeto estudado não pode questionar as teorias criadas por nós, seres humanos, o foco do estudo do cientista social se situa no mesmo plano no qual o pesquisador se localiza. Em outras palavras, a ciência social é o estudo do ser humano e das suas relações sociais por um próprio ser humano. A história da Antropologia Social permite observar como diferentes sistemas sócias foram percebidos e interpretados. Hoje, predomina a visão de que se trata de formas diversas de vida em razão de “soluções” e “escolhas” para problemas comuns colocados pelo viver em sociedade de homens.

Ao cientista social apresentar sua “teoria” ao participante ou implicado no evento estudado, ele faz nascer um plano de debate inovador: aquele formado por uma dialética entre o fato interno (por exemplo: as interpretações de um povo sobre sua própria cultura), com o fato externo (as interpretações do cientista sobre essa cultura). Essa dialética acaba por inventar um plano comparativo fundado na reflexibilidade, na circularidade e na crítica sociológica. O que é totalmente diferente do caso das ciências naturais, onde o objeto de estudo é inteiramente opaco e mudo. Nestas últimas, os fenômenos podem ser percebidos, divididos, classificados e explicados dentro de condições de laboratório. Neste campo, existem problemas formidáveis no que diz respeito à aplicação e até mesmo na divulgação destes estudos.

No caso das ciências sociais, as interpretações de quem participa de um evento social ou de uma comunidade humana estudada, a qualquer momento, podem competir e colocar de quarentena as mais elaboradas explicações do cientista social. A raiz das diferenças entre “ciências naturais” e “ciências sociais” se localizada, portanto, no fato de que a natureza não pode faltar diretamente com o investigador. Ao passo que cada sociedade humana conhecida é um espelho onde a nossa própria existência se reflete.

Neste campo de reflexão se situa, talvez, o olhar mais instigantes da obra de DaMatta. Nesta linha, podemos considerar, como Roberto Damatta, que “a antropologia social autêntica só pode acontecer quando estamos convencidos plenamente da nossa

ignorância”. Ou seja, é indubitável que os direitos das populações tribais devem ser defendidos e as injustiças contra elas denunciadas. Não obstante, tal defesa não pode ocorrer de maneira condescendente, superior, como se os membros destas comunidades fossem atrasados culturalmente. Logo, os estudos dessas sociedades devem estar fundados na troca igualitária de experiências humanas para que possamos realmente aprender e nos civilizar com tal diálogo. A propósito, o título do livro em questão “Relativizando” se refere à atitude do autor diante do exótico ou do incomum, focos da antropologia. Desta ótica, sua postura é oposta àquela comparativa de situar cada sociedade em diferentes níveis de uma escala de desenvolvimento ou de civilização, tal como ocorre no pensamento evolucionista.

Entretanto, o ponto de vista de DaMatta segundo o qual os resultados das ciências sociais em geral não têm maiores consequências foi bastante contestado em sala de aula. Se raramente seus resultados podem ser transformados em tecnologia, as interpretações das ciências sociais podem ter enorme impacto político e social. As discussões em sala de aula também levaram a apontar a importância de “relativizar” a verdade científica, que é provisória e sempre sujeita a contestação.